

Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e *bullying*

Students' health: an integrative review on family and bullying

Wanderlei Abadio de Oliveira ¹
Jorge Luiz da Silva ¹
Julliane Messias Cordeiro Sampaio ¹
Marta Angélica Iossi Silva ¹

Abstract *Bullying is a public health problem and this integrative review's aim was to assess the relationship between family context and the occurrence of such a phenomenon. Its original contribution is to broadly address this type of violence. The SPIDER strategy was used to develop the study, which was guided by the question: what is the role of the family in the development, perpetuation and prevention of bullying? The following databases were searched: PsycInfo and Lilacs, and the SciELO Virtual Library using the descriptors 1. bullying and family; 2. bullying and parents, and their correlates in Portuguese and Spanish. The studies' methodological quality was assessed according to level of evidence. A total of 27 papers published between 2009 and 2013 and written either in English, Spanish or Portuguese were included; the evidence found in the papers mostly ranged from strong to moderate. The analysis revealed most studies had a cross-sectional design and did not report the theoretical framework used. Aspects of the family context, sociodemographic characteristics and domestic violence, were associated with the involvement of students with bullying. Bullying requires intersectorial interventions and further studies are recommended to focus not only on individual characteristics of students but also on their contexts.*

Key words *School health, Violence, Family relations*

Resumo *O “bullying” é um problema de saúde pública e, nesta revisão, objetivou-se avaliar a relação entre o contexto familiar e a ocorrência do fenômeno. Sua contribuição original é a abordagem ampliada sobre esse tipo de violência. Utilizou-se a estratégia SPIDER na construção do estudo que foi guiado pela questão norteadora: qual o papel da família no desenvolvimento, manutenção e prevenção do “bullying”? Foram consultadas as bases PsycInfo e Lilacs, e a biblioteca virtual SciELO, a partir dos cruzamentos 1. “bullying and Family” e 2. “bullying and parents”, e seus correlatos em português e espanhol. A qualidade metodológica dos estudos foi avaliada segundo critérios de nível de evidência. Foram incluídos 27 artigos, publicados entre 2009 e 2013, nos idiomas inglês, espanhol e português, com prevalência de evidências entre forte e moderada. Nos estudos, o delineamento predominante foi o transversal e a maioria não indicou o referencial teórico adotado. Aspectos qualitativos do contexto familiar, características sociodemográficas e experiências de violência em casa foram associados com o envolvimento de escolares em situações de “bullying”. Revelou-se que o “bullying” requer intervenções intersetoriais e são estimuladas investigações com foco não apenas nas características individuais dos estudantes, mas também nos contextos.*

Palavras-chave *Saúde escolar, Violência, Relações familiares*

¹ Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Av. Bandeirantes 3900, Monte Alegre. 14040-902 Ribeirão Preto SP Brasil. wanderleio@usp.br

Introdução

Este estudo objetivou avaliar evidências disponíveis na literatura sobre a relação entre o contexto familiar e a ocorrência de situações de *bullying*, por meio de uma revisão integrativa. O *bullying* é um fenômeno complexo que ocorre em diferentes contextos, especialmente na escola, foco desta revisão, e que tem assumido nuances diversas nas investigações que envolvem a sua ocorrência e seus protagonistas, bem como sobre suas possíveis origens e determinantes. Dadas as características invasivas do *bullying* e seus efeitos, de curto e longo prazos, adversos sobre a qualidade de vida das pessoas, estudos nas áreas da saúde e da educação confirmam, assim, que ele constitui um grave problema de saúde pública que requer ainda mais pesquisas e intervenções em seu enfrentamento¹⁻³.

Este fenômeno é definido como um comportamento violento repetido, que ocorre ao longo do tempo em relações caracterizadas por um desequilíbrio de poder, que pode assumir uma diversidade de formas em sua manifestação¹. É o abuso sistemático entre pares ou um processo de agressão intencional e repetido, configurado por comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações, podendo ser classificado em direto e indireto⁴⁻⁶.

Esse problema está presente desde o surgimento das instituições escolares, mas somente a partir da década de 1970 começou a ser investigado. Sumariamente, os estudos pioneiros sobre *bullying* escolar se desenvolveram na Suécia e, devido aos resultados favoráveis alcançados pelas intervenções empreendidas naquele país, a atenção pelo tema se irradiou para outros contextos socioculturais, despertando o interesse de pesquisadores para o desenvolvimento de estudos epidemiológicos e de intervenção que abordaram diferentes aspectos como: envolvimento, atores, programas, impacto na vida e no processo ensino-aprendizagem, entre outros. Na atualidade, a importância do tema se revela na concepção de que se trata de práticas repetitivas de violência entre pares, cuja expressão é considerada mundial e que causa danos físicos e psicológicos em todos os envolvidos nessas situações^{5,7,8}.

A configuração que esse fenômeno assume o coloca como problema relacional entre escolares, cuja estratégia de garantia de espaço e lugar social é a agressividade. Nesse sentido, entende-se o *bullying* como uma condição precípua para internalizações negativas sobre as interações so-

ciais, sobre si mesmo ou sobre as potencialidades para se responder às demandas da coletividade e dos grupos.

Os comportamentos que caracterizam o *bullying* (falar mal, colocar apelidos, bater, empurrar, provocar, isolar socialmente, espalhar boatos, entre outros) são deliberados, intencionais e repetidamente promulgados por um indivíduo ou grupo de pessoas e impingidos a outros que são considerados mais fracos em sua posição social ou que possuem pouca capacidade para se defender das agressões em que pese as diferenças de poder entre os pares (dominação simbólica)^{9,10}.

No que se refere aos danos psicológicos e à saúde dos envolvidos, o *bullying* é considerado como um dos indicadores para o diagnóstico do transtorno de conduta, além de indicar o desenvolvimento de quadros de comportamentos antissociais e de criminalidade^{11,12}. Para as vítimas, os danos se referem à ansiedade, depressão, dificuldades de relacionamento, autoestima fragilizada, além de outras desordens psiquiátricas que podem culminar no suicídio. As testemunhas, por sua vez, estão sujeitas a sofrer dos mesmos problemas que as vítimas, além de desenvolverem padrões de comportamento como os agressores, pois se percebem como vulneráveis às situações sociais se assim não o fizeram^{3,5,12}.

Compreende-se, pois, que o *bullying* ocorre dentro de um contexto social amplo, cujo cenário privilegiado neste estudo é a escola, e as suas origens são diversas. Existem os componentes individuais, aqueles relacionados aos grupos e às famílias. Esses componentes compõem o mosaico e as complexidades envolvidas neste fenômeno que isoladamente não o explicam, mas sinalizam pistas sobre como intervir nas realidades de modo eficaz. Sistemicamente, a dinâmica do *bullying* se estende para além dos alunos (autores, vítimas ou testemunhas) e incluem os demais colegas, professores, a comunidade escolar, os pais e a família. Ao mesmo tempo em que se implicam os profissionais de saúde, na perspectiva da prevenção e intervenção nos modelos de promoção da saúde, principalmente no que se refere à atenção básica e à atuação das equipes nos territórios em condições de oferecer estratégias intersetoriais de enfrentamento.

Revela-se urgente considerar os contextos sociais e as multicausalidades do fenômeno, em estudos para subsidiar intervenções e práticas pedagógicas, sociais e em saúde. Além disso, o papel dos pais e do grupo familiar também deve ser valorizado em investigações sobre o desenvolvimento, a manutenção e a prevenção do

*bullying*¹²⁻¹⁴. Destarte, esta compreensão sobre as relações familiares e como estas podem contribuir para o desenvolvimento do comportamento do agressor ou da vítima amplia o olhar sobre o fenômeno.

Método

Este é um estudo de revisão integrativa da literatura sobre o papel dos pais e da família no desenvolvimento, na perpetuação e prevenção das situações de *bullying*. A revisão integrativa é um método que se baseia na sumarização dos dados apresentados e no estabelecimento de conclusões sobre o tema investigado. Trata-se de um procedimento de descrição de dados disponíveis na literatura, que se alicerça na proposta de uma construção de revisão teórica baseada em evidências. Os dados categorizados e descritos geram panoramas consistentes e compreensíveis sobre temáticas e conceitos complexos, teorias ou situações/fenômenos relevantes para a saúde¹⁵.

Para construir a questão de pesquisa e conduzir as buscas foi utilizada a estratégia SPIDER¹⁶. Essa estratégia foi desenvolvida a partir de uma adaptação da ferramenta PICO e contempla os seguintes elementos: *Sample* (amostra); *Phenomenon of Interest* (fenômeno de interesse); *Design* (desenho do estudo); *Evaluation* (avaliações); *Research type* (tipo de pesquisa). Seu uso permite evidenciar pesquisas com diferentes delineamentos e que abordem determinados comportamentos, relações entre variáveis qualitativas e quantitativas, experiências individuais e coletivas, e intervenções que possuem significados sociais e influenciam na robustez da revisão¹⁶.

Neste sentido, o levantamento dos estudos ocorreu em janeiro e fevereiro de 2014 e foi guiado pela seguinte questão norteadora: Qual o papel (E) dos pais e da família (S) no desenvolvimento, na perpetuação e prevenção das situações de *bullying* escolar (PI)? Contemplando-se as seguintes etapas na elaboração da revisão: 1. definição do objetivo (PI); 2. busca ou amostragem na literatura (estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos) (S/D/R); 3. coleta de dados (S); 4. análise crítica dos estudos incluídos (E); 5. discussão dos resultados (E); e 6. apresentação da revisão.

Para a seleção dos artigos, foram consultadas as bases de dados PsycInfo e Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e a biblioteca virtual SciELO. Como as fontes consultadas não possuem vocabulário controla-

do, foi possível realizar os seguintes cruzamentos nas buscas: 1. *bullying and family*; e 2. *bullying and parents*. No Lilacs e no SciELO foram combinados os correlatos em português e espanhol dos termos selecionados. Não foi realizada qualquer restrição na seleção, considerando-se a opção “todos os campos” nas buscas.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos disponíveis na íntegra publicados em português, inglês ou espanhol, com coleta de dados em qualquer país, no período compreendido entre os anos de 2009 e 2013; publicações cuja metodologia adotada permitia obter evidências claras sobre o tema em estudo (objetivo); ensaios clínicos; pesquisas experimentais; pesquisas qualitativas; e artigos que relatassem indiretamente investigações sobre o papel da família e dos pais em situações de *bullying*. Nota-se que foram consideradas as possibilidades de publicações com todos os tipos de delineamentos metodológicos devido à característica da questão norteadora, que não se relacionava à eficácia de uma intervenção, técnica ou experimento, mas sim à abrangência do conhecimento produzido acerca da temática investigada.

Os artigos potencialmente relevantes para a revisão dentro dos critérios definidos foram pré-selecionados com base na leitura dos títulos e resumos. Essa seleção seguiu um protocolo criado pelos pesquisadores, pois os artigos deveriam abordar as temáticas *bullying* escolar e família, apresentar e discutir as possíveis relações entre elas e mencionar determinantes sociais que explicassem o fenômeno.

No processo de elegibilidade dos textos, os artigos selecionados foram recuperados na íntegra e se utilizou um instrumento validado¹⁷ para avaliá-los dentro da proposta da revisão. Os itens do instrumento contemplados neste estudo foram: identificação do artigo; instituição-se de do estudo; tipo de publicação; características metodológicas do estudo e avaliação do rigor metodológico. O material analisado foi sumarizado em quadros sinóticos e após a leitura dos textos, considerando-se o objetivo, o objeto e a pergunta norteadora da pesquisa, a amostra final deste estudo ficou constituída por 27 artigos. O fluxograma na Figura 1 sintetiza a construção do *corpus* desta revisão.

Os artigos foram avaliados, ainda, em relação ao nível de evidência¹⁷. Essa avaliação classificou as evidências em forte, moderada e fraca, segundo os critérios estabelecidos e consolidados pela literatura científica, pertinentes à qualidade metodológica e ao baixo risco de viés^{17,18}. Salieta-se

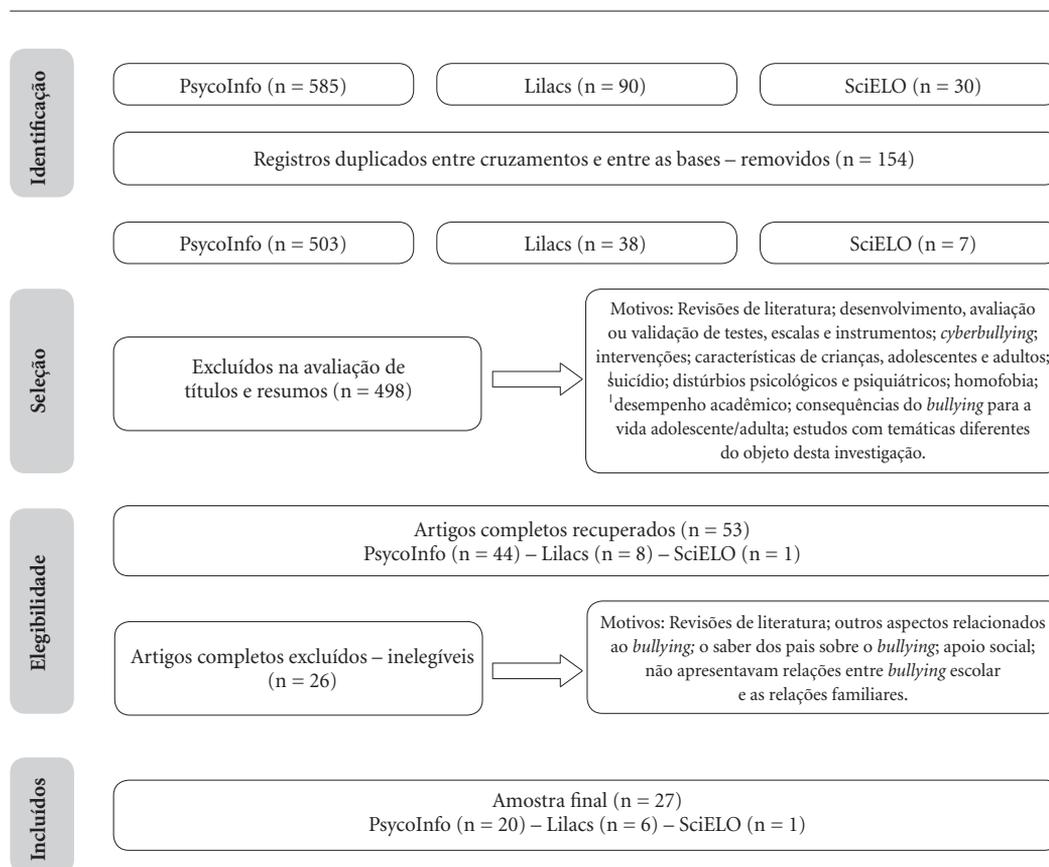


Figura 1. PRISMA Fluxograma do processo de construção do *corpus* revisado. PyscoInfo, Lilacs, SciELO, 2014.

Fonte: Elaborado pelos autores.

que a estratégia SPIDER permitiu identificar e incluir na revisão estudos com diferentes delineamentos e tipos de pesquisa.

A apresentação dos resultados e da discussão propiciou a avaliação da aplicabilidade da revisão integrativa elaborada, a fim de avaliar as evidências disponíveis na literatura sobre a relação entre o contexto familiar e a ocorrência de situações de *bullying*. O estudo não foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que não envolveu seres humanos, mas se respeitou todos os princípios éticos relacionados à preservação de autoria e indicação das referências consultadas.

Resultados

Analisaram-se 27 artigos que atenderam aos critérios de inclusão mencionados. Dessa amostra,

20 foram publicados originalmente em inglês, cinco em espanhol e um em português. Houve maior incidência de estudos publicados em 2012, e 2011 foi o ano com menor registro de publicações compreendidas pela revisão. A maioria das pesquisas foi realizada nos Estados Unidos. Sete estudos foram realizados em países em desenvolvimento, sendo seis classificados como moderado, e um como fraco conforme a atribuição do nível de qualidade da evidência científica avaliada. Registraram-se, ainda, dois estudos multicêntricos desenvolvidos em dois países cada. As características gerais dos estudos incluídos na revisão foram organizadas em relação à qualificação quanto ao nível de evidência e estão apresentadas na Tabela 1.

Entre os seis artigos com forte classificação na qualidade da evidência avaliada, dois analisaram dados coletados em mais de uma fonte de informantes e igual número apresentou fundamenta-

Tabela 1. Características gerais dos estudos revisados, organizados por nível de evidência. PsycInfo, Lilacs, SciELO, 2014.

Nível de evidência	Forte	Moderada	Fraca
Ano de publicação			
2013	2	4	0
2012	2	7	0
2011	0	3	0
2010	0	4	1
2009	0	4	0
Países			
EUA	3	4	0
Grécia	0	3	0
Coréia do Sul	2	0	0
Peru	0	2	0
Austrália	0	2	0
Alemanha	0	1	0
Brasil	0	1	1
Colômbia	0	1	0
Espanha	0	1	0
Finlândia	0	1	0
México	0	1	0
Reino Unido	1	0	0
Turquia	0	1	0
Irlanda e França	0	1	0
Turquia e Chipre	0	1	0
Tipo de estudo			
Longitudinal	6	0	0
Transversal	0	20	0
Transversal/descritivo	0	0	1
Fundamentação teórica descrita			
Teoria Bioecológica	0	3	0
<i>General Strain Theory</i>	0	1	0
<i>PARTheory</i>	0	1	0
Teoria da Aprendizagem Social	1	0	0
Teoria do Apego	0	1	0
Terias combinadas (> de uma)	1	2	0
Não descrita	4	12	1
Fontes (coleta de dados)			
Estudantes	4	14	1
Dados secundários	0	3	0
Estudantes, pais e professores	2	1	0
Estudantes e professores	0	2	0
Instrumentos (coleta de dados)			
Questionário	5	12	1
Dados secundários	0	3	0
Escala	0	2	0
> de um tipo de instrumento	1	3	0
Número de participantes considerados na análise			
< 299	0	3	0
300-599	0	3	1
600-899	0	2	0
900-1.199	1	2	0
1.200-1.499	2	1	0
1.500-1.999	0	2	0
> 2000	3	7	0
Número de estudos	6	20	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

ção teórica na análise dos resultados. As amostras de todos os estudos foram consideradas expressivas e capazes de subsidiar e responder os objetivos propostos pelos estudos, principalmente no que se refere ao poder estatístico das amostras. O tipo de delineamento metodológico predominante foi o transversal, assim como o uso de questionários nas coletas de dados. Estudos que combinaram mais de um instrumento também combinaram questionários com escalas, inventários ou entrevistas. Chama atenção o número expressivo de artigos ($n = 17$) que não indicaram o referencial teórico adotado na análise dos dados.

Apenas um dos artigos incluídos na análise¹⁹ não apresentou uma definição ou conceituação do *bullying*. Do conjunto, 20 se reportaram aos estudos de Olweus^{1,11} na definição e exploração da conceituação do tema. Dan Olweus (Noruega) é considerado o principal pesquisador do mundo no que se refere ao *bullying* escolar, estudando este assunto há mais de quatro décadas. Além disso, ele é considerado o pioneiro na investigação ampla sobre esse fenômeno e suas características, tendo desenvolvido instrumentos e métodos para identificar, analisar e nele intervir.

Em relação à área do conhecimento focada pelas revistas nas quais os artigos foram publicados, observou-se que nove foram publicados na área da psicologia e 10 em periódicos com foco em questões da infância e da adolescência, como saúde, desenvolvimento e aprendizagem. Os demais artigos se encontravam em revistas da área da saúde ou com temáticas focalizadas na violência.

Os principais resultados relacionados ao objetivo desta revisão foram arregimentados em três categorias. Elas reúnem os aspectos qualitativos do contexto familiar associados ao *bullying*, como: clima, tipo de comunicação, tipo de apego, conflitos, manifestação de afeto, aceitação e/ou rejeição, sentimentos de proteção, apoio social, relacionamento com irmãos, saúde mental dos pais, relações ambivalentes e vínculos disfuncionais. Além disso, a condição socioeconômica das famílias, a escolaridade dos pais, o tipo de arranjo familiar e as experiências de violência no contexto familiar, em diferentes tipos de manifestação, também foram associados à ocorrência ou envolvimento com o fenômeno. Esta categorização foi sintetizada no Quadro 1 segundo o estudo e o nível de evidência.

Diferentes aspectos qualitativos e das relações familiares associados com envolvimento em situações de *bullying* foram: estilos parentais ineficazes^{20,21}; uso de punições severas e corporais na disciplina dos filhos¹⁹⁻²¹; conflitos familiares²²⁻²⁴; falta

de supervisão parental e afeto^{25,26}; baixa qualidade do relacionamento pais/filhos^{13,27}; e dificuldades de comunicação entre pais e filhos^{12,28}. A baixa escolaridade dos pais^{8,22}, baixas condições socioeconômicas^{8,29}, viver com uma única figura parental^{28,30-32} e experiências ou testemunho de violência doméstica^{10,21,33,34} foram outros determinantes relacionados à ocorrência do fenômeno.

Destaca-se que a constituição familiar não foi significativamente relacionada com o envolvimento das crianças com o *bullying*, ou seja, a presença da dupla parental (pai e mãe) ou a ausência de um dos pais não contribuiu ou minimizou a ocorrência do fenômeno nos estudos revisados. Somente quatro estudos^{28,30-32} verificaram que viver com apenas uma das figuras parentais aumentava a chance de se envolver em situações de *bullying*, como vítimas ou agressores. Os autores concluíram que famílias em que estão presentes as duas figuras parentais (pai e mãe) são protetivas em relação ao *bullying*.

No que se refere especificamente ao papel dos pais no desenvolvimento de situações de *bullying*, percebe-se que aqueles menos afetivos, autoritá-

rios e abusivos nas punições (corporais), bem como nos métodos de disciplina, estimulavam nos filhos a aprendizagem de modelos de interação social baseados na violência e na agressividade como forma de resposta aceitável para conflitos, ansiedades e angústias^{10,20,35,36}. Assim como sentimentos negativos dos pais em relação aos filhos, como a rejeição e a percepção de fraco apoio social foram identificados como características ou aspectos familiares disfuncionais que podem conduzir os estudantes às práticas de *bullying*^{13,37-39}.

Aspectos da relação materna poderiam contribuir para o desenvolvimento de funcionamentos sociais voltados para introspecção e dificuldade de lidar com relacionamentos sociais. Em geral, mães superprotetoras, com pouca facilidade para manifestar afeto ou, ainda, que manifestam claramente um desequilíbrio de poder em relação aos pais dos filhos, em que estes possuem maior poder que elas, podem dificultar a internalização de modelos saudáveis e positivos de relação social e assim tornarem os filhos mais susceptíveis à vitimização. A presença de diagnósticos psiquiá-

Quadro 1. Distribuição dos artigos revisados segundo categorias examinadas e qualificação da evidência apresentada. PyscoInfo, Lilacs, SciELO, 2014.

Artigos	Forte						Moderada														F*							
	Bowes et al. ¹⁰	Foster e Brooks-Gunn ³⁴	Lereya e Wolke ⁴⁰	Low e Espelage ²⁵	Moon et al. ²³	Yang et al. ²⁸	Barboza et al. ²⁰	Bayraktar ³⁷	Bowes et al. ²⁷	Cuervo et al. ²²	Healy et al. ⁴¹	Lepisto et al. ¹⁹	Kokkinos ³⁸	Magklara et al. ²⁹	Murray-Harvey e Slee ³⁹	Papadaki e Giovazolias ⁴²	Pinheiro e Williams ³³	Povedano et al. ²⁴	Romaní e Gutiérrez ³⁰	Romaní et al. ³¹		Sentenac et al. ¹³	Sevda e Sevim ³²	Teisl et al. ³⁵	Totura et al. ³⁶	Uribe et al. ²⁶	Von Marees e Petermann ⁸	Tortorelli et al. ²¹
Diferentes aspectos familiares (qualitativos) associados com envolvimento em <i>bullying</i> .	X		X		X		X	X	X		X		X		X	X		X		X				X		X		
Aspectos sociodemográficos associados ao <i>bullying</i> .						X			X			X	X						X	X		X					X	
Violência no contexto doméstico, maus tratos e agressões associados ao <i>bullying</i> .		X		X							X						X					X	X					X

* F = Fraca.

Fonte: Elaborado pelos autores.

tricos maternos, como a depressão, também pode favorecer a vitimização^{20,22,40}.

No que se refere aos relacionamentos com irmãos, os estudos confirmam que eles têm estreita relação com a experiência de ambientes domésticos positivos ou negativos, já que essas relações primárias são consideradas como as primeiras experiências de socialização entre pares. Estas relações contribuem com o desenvolvimento de respostas sociais que não estejam alicerçadas na violência e agressividade, ou assim o sejam^{10,20}.

A comunicação com os pais é outra faceta apontada pelos estudos como significativa diante do *bullying*. Ser intimidado, por exemplo, foi significativamente associado com um fraco apoio social e dificuldades de comunicação com os genitores¹³.

As experiências de violência em casa também foram colocadas como fortes preditoras para a manifestação e o envolvimento com *bullying*. Formas de violência familiar, exposição a conflitos interparentais e castigos físicos são associados positivamente com perpetração do fenômeno. Destaca-se que, como mencionado, as crianças aprendem com o exemplo dos adultos e, se eles veem que estes usam a força física e a violência entre si ou para dominá-los, ou discipliná-los, passam então a usar os mesmos métodos em relação a seus pares^{19,21,32-34}.

Outras variáveis estudadas pelos artigos revisados são os baixos *status* educacional e socioeconômico dos pais, que indicam um aumento do risco para o *bullying* e a vitimização. Em geral, os estudantes com menor renda familiar foram mais frequentemente vítimas dos comportamentos de *bullying*, enquanto que aqueles identificados como agressores estão mais frequentemente associados com famílias possuidoras de renda mais elevada^{8,22,29}. Obviamente, esses fatores, muitas vezes, coincidem com outros de risco variável, tais como o estresse familiar, parceiros violentos, conflitos, interação pai/filho e práticas parentais autoritárias. Sumariamente, as características dos pais (como educação e renda familiar) são preditivas do estado de intimidação ou envolvimento em situações de *bullying*.

Discussão

Para os programas de intervenção *antibullying* é importante compreender a dinâmica do fenômeno e suas relações com diferentes contextos. Essa é a contribuição original do estudo na medida em que amplia o olhar sobre o fenômeno

e reúne investigações que observaram serem estreitas as relações entre as situações vivenciadas nos contextos familiares estudados e o desenvolvimento de comportamentos agressivos na escola. O *bullying* pode ser entendido como problema de relacionamento que emerge das relações primárias (em geral compostas pela família) e se estabelece como padrão de comportamento na infância, adolescência e vida adulta.

A respeito dessa compreensão, ao apresentarem claras definições e conceituações sobre o fenômeno, bem como respaldo em referenciais teóricos, os estudos revisados proporcionam uma maior proximidade conceitual, o que significa maior precisão e coerência entre os resultados obtidos por diferentes pesquisadores. Contribuindo, ainda, com a construção de um corpo sólido e coeso de conhecimento sobre a temática, o que somente se torna possível mediante o emprego de uma definição razoavelmente comum do fenômeno em estudo.

A escassez de produções nacionais sobre os temas investigados é ponto que chama a atenção nesta revisão. Destaca-se o reconhecimento de muitos estudos nas áreas da psicologia, educação e saúde sobre o *bullying*, porém com focos na caracterização do fenômeno, identificação de prevalência, concepções de professores, abordagens indiretas do fenômeno e propostas de intervenções. Convergindo a esta proposta de revisão, duas dissertações de mestrado foram identificadas^{43,44}, mas este tipo de documento não foi incluído na revisão e os dados destes estudos foram considerados na análise dos resultados revisados. Isto forja a necessidade de se criar agendas de pesquisas contextuais sobre o *bullying* e suas múltiplas dimensões.

Especificamente, sobre as contribuições das relações familiares para o desenvolvimento do *bullying*, enfatizam-se as evidências de que as crianças que experimentam castigo físico, severo ou humilhante, podem ter sua qualidade de vida afetada e, conseqüentemente, se envolverem em situações de violência na escola com maior facilidade. Sabe-se, por exemplo, que estudantes que sofrem com muitos problemas na família são mais agressivos que aqueles que possuem relações familiares positivas^{20,21,39}. Estes aspectos são interpretados a partir de perspectivas do desenvolvimento humano que consideram a família elemento essencial no processo de formação psicológica e social das pessoas.

Como observado, algumas experiências familiares levam as crianças a desenvolverem problemas pessoais, tais como um estilo ansioso duran-

te conflitos (vítimas) ou a perceberem negativamente suas famílias em termos de envolvimento afetivo, como se evidenciou nos estudos revisados. Em geral, as avaliações de estudantes acerca de variáveis contextuais (funcionamento da família, ambiente escolar e fatores climáticos) podem ser associadas com o envolvimento dos alunos em experiências de *bullying* e vitimização^{10,12,45}. Neste contexto, são apontados como fatores de risco para o *bullying*: falta de afetividade dos pais; permissividade da agressividade entre irmãos, colegas, e até mesmo adultos; rejeição; superproteção; pais negligentes; dificuldades de comunicação com os pais; uso de castigos físicos e explosões emocionais para disciplinar os filhos^{3,8,14}.

Pesquisas no Brasil se aproximam desses achados. Uma dissertação de mestrado apresentou associações sobre as práticas parentais de disciplina e a manifestação de comportamentos agressivos na escola⁴³. Numa amostra de 247 estudantes do Rio Grande do Sul, a pesquisa identificou que a maior frequência das práticas punitivas empreendidas pelos pais estava significativamente associada ao envolvimento dos filhos em situações de *bullying*⁴³. Outra dissertação de mestrado, desenvolvida a partir de dados coletados em quatro cidades brasileiras, identificou que variáveis familiares, como punição corporal, conflito familiar, comunicação negativa e clima conjugal negativo, interagiram significativamente com a agressão e a vitimização, sendo apontadas como fatores de risco⁴⁴.

Problematiza-se que crianças e adolescentes agressivos possuem, em geral, modelos parentais autoritários, com grande frequência de abusos emocionais e físicos em sua história. As relações familiares ambivalentes e menos coesas, marcadas por experiências de violência, fomentam o envolvimento dos escolares em situações de *bullying*. A violência familiar é um dos fatores de risco para o *bullying* escolar, devendo ser considerada nas propostas de intervenção e enfrentamento da questão⁴⁶. Além disso, experiências dessa natureza, também, não permitem que crianças e adolescentes se desenvolvam como pessoas autônomas, independentes e capazes de exercitar a tolerância às diversidades sociais. Ao contrário, provocam o uso da violência como mecanismo válido na resolução de conflitos e na interação social.

No que tange à manutenção das situações de ocorrência do fenômeno, evidenciamos que a maneira como a criança responde aos problemas e conflitos sociais depende da intervenção/relação do/com adulto. Em outra perspectiva, as pes-

quisas afirmam o papel fundamental dos adultos em proteger as crianças e os adolescentes, o que inclui reconhecer e responder a incidentes de intimidação. A manutenção do comportamento de violência, também, é reflexo das experiências familiares, uma vez que se pressupõe o exemplo em casa de situações similares ou que possam ser associadas à agressividade e violência, pois estudantes que intimidam, por exemplo, aprenderam a usar o poder e a agressão para controlar a angústia e outros sentimentos, o que pode se estabelecer como estilo de interação social^{45,46}.

Outro dado relacionado à manutenção do *bullying* se conecta às expectativas dos pais em relação ao desempenho escolar dos filhos. Como se verificou, há chances significativas das agressões aumentarem entre os alunos cujos pais e professores têm baixas expectativas sobre seus desempenhos escolares. E, ainda, estudantes que foram provocados sobre a sua aparência por membros da família e/ou professores tendem a se envolver em *bullying* mais do que outros grupos que não passaram por essas experiências^{20,36,39}. Com este cenário, percebe-se que o suporte familiar oferecido aos filhos ajuda aqueles que são intimidados a romperem com o ciclo de violência e abusos, fortalecendo-os a desenvolverem mecanismos de enfrentamento para lidar com a intimidação¹⁰.

No que se refere às questões socioeconômicas e de conformação das famílias, assim como a escolaridade dos pais, e suas correlações com o *bullying*, identifica-se que a abordagem destas variáveis é complexa. Nesse sentido, um estudo recente conduzido no Brasil, com uma amostra de 109.104 estudantes do nono ano do ensino fundamental, verificou que a referência a sofrer *bullying* estava associada a menor escolaridade materna, ao contrário dos estudantes que referiram praticar *bullying* que tinham mães com maior^{2,47}. A pesquisa também contemplou outros aspectos familiares explorados pelos estudos revisados, como supervisão dos pais, faltar às aulas sem avisar aos pais e sofrer agressão física em casa que foram associados ao envolvimento em situações de *bullying*^{2,47}.

Esses achados devem ser aprofundados em outros estudos, principalmente no Brasil, pois a pobreza tem um impacto nocivo na vida das pessoas e é resultado das desigualdades sociais que marcam nossa sociedade, ao passo que os arranjos familiares são múltiplos e novas formas de convívio têm surgido. Pondera-se que essas variáveis têm relação direta com o *bullying*, são fatores de risco, mas numa dimensão macroestrutural e não em uma relação de causa e efeito,

ou de culpabilização da maneira como as famílias se organizam, ou do reforço de discursos que vinculam estritamente a violência às populações mais pobres ou com menores índices educacionais.

O que podemos inferir a partir destes dados é que focar, exclusivamente, na escola pode não ser a melhor abordagem para a redução de comportamentos de violência entre estudantes. Assim, a prevenção do *bullying* exige propostas que alcancem todas as dimensões deste complexo e multifacetado fenômeno social. Entre essas dimensões, há de se considerar a família como essencial para a construção de uma cultura de não violência, pois se entende que ela começa na vida doméstica, estendendo-se para a vida comunitária e social. Esse grupo necessita ser inserido nas propostas de enfrentamento do fenômeno dentro de concepções dialógicas capazes de reconhecer e de intervir sobre um problema de saúde. Em termos de implicações práticas, percebe-se que as relações familiares precisam ser fortalecidas por meio de políticas públicas e ações programáticas que estimulem o fortalecimento de vínculos, a comunicação positiva entre pais e filhos, a construção de redes sociais de apoio, bem como há de se resgatar a valorização do afeto e de aprendizagens sociais para a convivência pacífica frente à diversidade, o que pode ser favorecido pela ação de equipes multiprofissionais de saúde na atenção básica.

As informações contidas nesta revisão permitem esse tipo de reflexão e problematização de intervenções na área da saúde relacionadas ao *bullying*, na medida em que pressupõe que as ações de enfrentamento sejam alicerçadas no reconhecimento da relevância das relações familiares nos cenários em que ele ocorre. Intervenções de educação em saúde ou promoção da saúde, que congreguem profissionais desta área e da educação, configuram-se como práticas intersectoriais efetivas na prevenção, manutenção ou reorientação do comportamento violento, estruturando assim práticas de cuidado integral.

Programas de intervenção devem, ainda, considerar a inclusão de estratégias para melhorar a comunicação familiar, que auxilia crianças e adolescentes a se socializarem de maneira positiva em outros espaços, como a escola⁴¹. Além disso, os vínculos familiares e as relações com as comunidades podem ser potencializados via políticas públicas ou programas de base territorial.

Como fenômeno multifacetado e problema de saúde pública, o *bullying* requer em seu enfrentamento a adoção de modelos contextuais e

intersectoriais, pois estes permitem a inclusão no debate sobre o tema de fatores sociodemográficos, familiares e sociais que, muitas vezes, são negligenciados por abordagens individualizantes e/ou tecnocráticas. Trata-se da proposição de intervenções com foco ampliado para além dos muros escolares, voltando-se para atitudes originadas nas famílias e nos pais, além de congregar diferentes saberes como a educação, a psicologia, a saúde, entre outros.

Considerações finais

Conclui-se que existem evidências de que o contexto e as relações familiares possuem associações com o envolvimento de escolares em situações de *bullying*. A análise dos dados revisados indica que há uma transmissão cultural da violência dentro das famílias. Este padrão de relacionamento termina perpetuando outras manifestações violentas na sociedade, uma vez que há um enfraquecimento das habilidades sociais positivas e a erupção de estratégias de enfrentamento de uma sociedade percebida como violenta e que, por conseguinte, exige o mesmo tipo de resposta social. Os resultados encontrados reforçam a importância da família no processo do desenvolvimento saudável das crianças e dos adolescentes, e também do adoecido quando do envolvimento em situações de violência entre pares na escola.

Algumas limitações precisam ser mencionadas na conclusão deste estudo. Primeiramente, em geral, grande parte dos estudos revisados era baseada em projetos transversais de pesquisa e alguns fundamentados na análise de dados secundários. Deste modo, as associações apresentadas não são totalmente compreendidas, principalmente para que se possa construir modelos explicativos para a ocorrência do *bullying* no território escolar. Em outra direção, a escassez de pesquisas brasileiras com foco na relação entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de *bullying* estabelece desafios para a ciência no que se refere a comparar os resultados da realidade nacional com os globais. Consequentemente, os resultados revisados devem ser interpretados com cautela e considerando limitações de generalização.

Em conclusão, esta revisão integrou vários pontos fortes que auxiliam na compreensão contextual e multinível do *bullying*, que interfere na saúde de crianças e adolescentes em idade escolar. Fornecendo, desta forma, um quadro teórico que pode estimular e subsidiar a construção de práticas intersectoriais e dialógicas de intervenção, ba-

seadas em evidências científicas. Sugere-se, ainda, outras investigações, com diferentes desenhos e delineamentos que possam testar as relações entre as variáveis exploradas. Sobretudo que sejam estimuladas no Brasil abordando os complexos processos de dinâmica familiar no país e o aumento nas últimas décadas de relatos de *bullying*.

Por fim, destaca-se que este estudo não preconiza a condenação das relações ou instituições familiares e dos pais, mas ressalva-se que a expressão da violência escolar é influenciada por múltiplos fatores, e arquitetar experiências familiares positivas pode auxiliar na construção de uma cultura de não violência, em defesa da vida e da saúde dos escolares.

Colaboradores

WA Oliveira coordenou o grupo de trabalho, trabalhou na concepção, análise e interpretação dos dados, e elaborou o texto-base e o final. JL Silva auxiliou no levantamento bibliográfico, participou da sistematização e análise dos dados e revisão crítica do manuscrito. JMC Sampaio auxiliou no levantamento bibliográfico e realizou revisão crítica do manuscrito. MAI Silva orientou a concepção e o desenvolvimento da pesquisa, contribuiu na análise dos dados e revisou e aprovou a versão final do manuscrito.

Referências

1. Olweus D. School Bullying: Development and some important challenges. *Annu. Rev. Clin. Psychol* 2013; 9:751-780.
2. Malta DC, Porto DL, Crespo CD, Silva MMA, Andrade SSC, Mello FCM, Monteiro R, Silva MA. Bullying in Brazilian school children: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol* 2014; 17(Supl. 1):92-105.
3. Patton DU, Hong JS, Williams AB, Allen-Mearns P. A review of research on school bullying among African American youth: an ecological systems analysis. *Educ Psychol Rev* 2013; 25(2):245-260.
4. Caravita SCS, Sijtsema JJ, Rambaran AJ, Gini G. Peer influences on moral disengagement in late childhood and early adolescence. *J Youth Adolescence* 2014; 43(2):193-207.
5. Freire AN, Aires J. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. *Psicol. Esc. Educ* 2012; 16(1):55-60.
6. Silva MAI, Pereira B, Mendonca D, Nunes B, Oliveira WA. The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. *Int J Environ Res Public Health* 2013; 10(12):6820-6831.
7. Silva JL, Oliveira WA, Bazon MR, Cecílio S. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arq. bras. psicol* 2013; 65(1):121-137.
8. Von Marees N, Petermann F. Bullying in German Primary Schools gender differences, age trends and influence of parents' migration and educational backgrounds. *School Psychology International* 2010; 31(2):178-198.
9. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C, Porto DL, Silva MMA. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Cien Saude Colet* 2010; 15(Supl. 2):3065-3076.
10. Bowes L, Arseneault L, Maughan B, Taylor A, Caspi A, Moffitt TE. School, neighborhood, and family factors are associated with children's bullying involvement: a nationally representative longitudinal study. *J. Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry* 2009; 48(5):545-553.
11. Olweus D. Bullying at school and later criminality: findings from three Swedish community samples of males. *Crim Behav Ment Health* 2011; 21(2):151-156.
12. Bibou-Nakou I, Tsiantis J, Assimopoulos H, Chatziliambou P. Bullying/victimization from a family perspective: a qualitative study of secondary school students' views. *Eur J Psychol Educ* 2013; 28(1):53-71.
13. Sentenac M, Gavin A, Arnaud C, Molcho M, Godeau E, Nic Gabhainn S. Victims of bullying among students with a disability or chronic illness and their peers: a cross-national study between Ireland and France. *J Adolesc Health* 2011; 48(5):461-466.
14. Vlachou M, Andreou E, Botsoglou K, Didaskalou E. Bully/victim problems among preschool children: a review of current research evidence. *Educ Psychol Rev* 2011; 23(3):329-358.
15. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* 2010; 8(1):102-106.
16. Cooke A, Smith D, Booth A. Beyond PICO: The SPIDER Tool for qualitative evidence synthesis. *Qual Health Res* 2012; 22(10):1435-1443.
17. Ursi ES, Galvão CM. Perioperative prevention of skin injury: an integrative literature review. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2006; 14(1):124-131.
18. Melnyk BM, Fineout-Overholt E. Making the case for evidence-based practice. In: Melnyk BM, Fineout-Overholt E, organizadores. *Evidence based practice in nursing & healthcare. A guide to best practice*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2005. p.3-24.
19. Lepisto S, Luukkaala T, Paavilainen E. Witnessing and experiencing domestic violence: a descriptive study of adolescents. *Scand J Caring Sci* 2011; 25(1):70-80.
20. Barboza GE, Schiamburg LB, Oehmke J, Korzeniewski SJ, Post LA, Heraux CG. Individual characteristics and the multiple contexts of adolescent bullying: an ecological perspective. *J Youth Adolescence* 2009; 38(1):101-121.
21. Tortorelli MFP, Carreiro LRR, Araújo MV. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. *Psicol. teor. prat* 2010; 12(1):32-42.
22. Cuervo V, Alberto A, Martínez C, Alonso E, Acuña T, Margarita G. Diferencias en la situación socioeconómica, clima y ajuste familiar de estudiantes con reportes de bullying y sin ellos. *Psicol Caribe* 2012; 29(3):616-631.
23. Moon B, Morash M, McCluskey JD. General Strain Theory and school bullying: an empirical test in South Korea. *Crime & Delinquency* 2012; 58(6):827-855.
24. Povedano A, Jiménez T, Moreno D, Amador L-V, Musitu G. Relación del conflicto y la expresividad familiar con la victimización en la escuela: el rol de la autoestima, la sintomatología depresiva y el género de los adolescentes. *Infancia y Aprendizaje* 2012; 35(4):421-432.
25. Low S, Espelage D. Differentiating cyber bullying perpetration from non-physical bullying: commonalities across race, individual, and family predictors. *Psychology of Violence* 2013; 3(1):39-52.
26. Uribe AF, Orcasita LT, Gomés EA. Bullying, redes de apoyo social y funcionamiento familiar en adolescentes de una institución educativa de Santander, Colombia. *Psychol av discip* 2012; 6(2):83-99.
27. Bowes L, Maughan B, Caspi A, Moffitt TE, Arseneault L. Families promote emotional and behavioural resilience to bullying: evidence of an environmental effect. *J Child Psychol Psychiatry* 2010; 51(7):809-817.
28. Yang SJ, Stewart R, Kim JM, Kim SW, Shin IS, Dewey ME, Maskey S, Yoon J-S. Differences in predictors of traditional and cyber-bullying: a 2-year longitudinal study in Korean school children. *Eur Child Adolesc Psychiatry* 2013; 22(5):309-318.
29. Magklara K, Skapinakis P, Gkatsa T, Bellos S, Araya R, Stylianidis S, Mavreas V. Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a cross-sectional study in late adolescents in Greece. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health* 2012; 6:8.
30. Romani F, Gutiérrez C. Auto-reporte de victimización escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria, año 2007. *Rev. peru. epidemiol* 2010; 14(3):1-9.
31. Romani F, Gutiérrez C, Lama M. Auto-reporte de agresividad escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria. *Rev. peru. epidemiol* 2011; 15(1):1-8.

32. Sevda A, Sevim S. Effect of high school students' self concept and family relationships on peer bullying. *Rev Bras Promoç Saúde* 2012; 25(4):405-412.
33. Pinheiro FME, Williams LCA. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cad. Pesqui* 2009; 39(138):995-1018.
34. Foster H, Brooks-Gunn J. Neighborhood, family and individual influences on school physical victimization. *J Youth Adolescence* 2013; 42(10):1596-1610.
35. Teisl M, Rogosch FA, Oshri A, Cicchetti D. Differential expression of social dominance as a function of age and maltreatment experience. *Dev Psychol* 2012; 48(2):575-588.
36. Totura CMW, MacKinnon-Lewis C, Gesten EL, Gadd R, Divine KP, Dunham S, Kamboukos D. Bullying and victimization among boys and girls in Middle School: the influence of perceived family and school contexts. *The Journal of Early Adolescence* 2009; 29(4):571-609.
37. Bayraktar F. Bullying among adolescents in North Cyprus and Turkey: testing a multifactor model. *J Interpers Violence* 2012; 27(6):1040-1065.
38. Kokkinos CM. Bullying and victimization in early adolescence: associations with attachment style and perceived parenting. *Journal of School Violence* 2013; 12(2):174-192.
39. Murray-Harvey R, Slee PT. School and home relationships and their impact on school bullying. *School Psychology International* 2010; 31(3):271-295.
40. Lereya ST, Wolke D. Prenatal family adversity and maternal mental health and vulnerability to peer victimisation at school. *J Child Psychol Psychiatry* 2013; 54(6):644-652.
41. Healy KL, Sanders MR, Iyer A. Parenting practices, children's peer relationships and being bullied at school. *J Child Fam Stud* 2015; 24(1):127-140.
42. Papadaki E, Giovazolias T. The protective role of father acceptance in the relationship between maternal rejection and bullying: a moderated-mediation model. *J Child Fam Stud* 2015; 24(2):330-340.
43. Zottis GAH. *Bullying na adolescência: associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento agressivo na escola* [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.
44. Cunha JM. *Violência interpessoal em escolas do Brasil: características e correlatos* [dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2009.
45. Hong J, Espelage D. A review of mixed methods research on bullying and peer victimization in school. *Educational Review* 2012; 64(1):115-126.
46. Lourenço LM, Senra LX. A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia* 2012; 37:42-56.
47. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva MAI, Costa MR, et al. Bullying and associated factors among Brazilian adolescents: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol* 2014; 17(Supl. 1):131-145.

Artigo apresentado em 02/07/2014

Aprovado em 27/11/2015

Versão final apresentada em 29/11/2015